

# A paisagem de Maria Graham e a crítica ambiental: reflexões sobre um olhar que sobrevive e pode ser atualizado

Diego Rafael Hasse  
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Veras  
Bacharelado em História da Arte  
Instituto de Artes  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Maria Graham (1785 – 1843) | *Sailta de água*, sem data | Desenho, 20 x 15 cm | Gravura em metal de Edward Finden | Publicado por Longman & Cia, 1824 | Londres, Inglaterra

O presente estudo pretende dar continuidade à investigação acerca do tratamento e apreensão da paisagem brasileira pela artista inglesa **Maria Graham** (1785 – 1842), sugerindo relações com obras de artistas modernos e contemporâneos, através da metodologia do anacronismo histórico proposta por Georges Didi-Huberman a partir de uma releitura de Carl Einstein.

Cláudia Valladão de Mattos identifica – amparada pelos estudos de W. T. J. Mitchell – uns viés ecológico-político na produção de paisagistas tidos em geral como “artistas viajantes”. A pesquisadora faz foco sobretudo naqueles que estiveram no Brasil em momentos posteriores ao de Maria Graham. Logo, essa pesquisa levanta a seguinte reflexão: **já nas primeiras décadas do século XIX Graham manifestava uma crítica ambiental em sua apreensão da paisagem?**

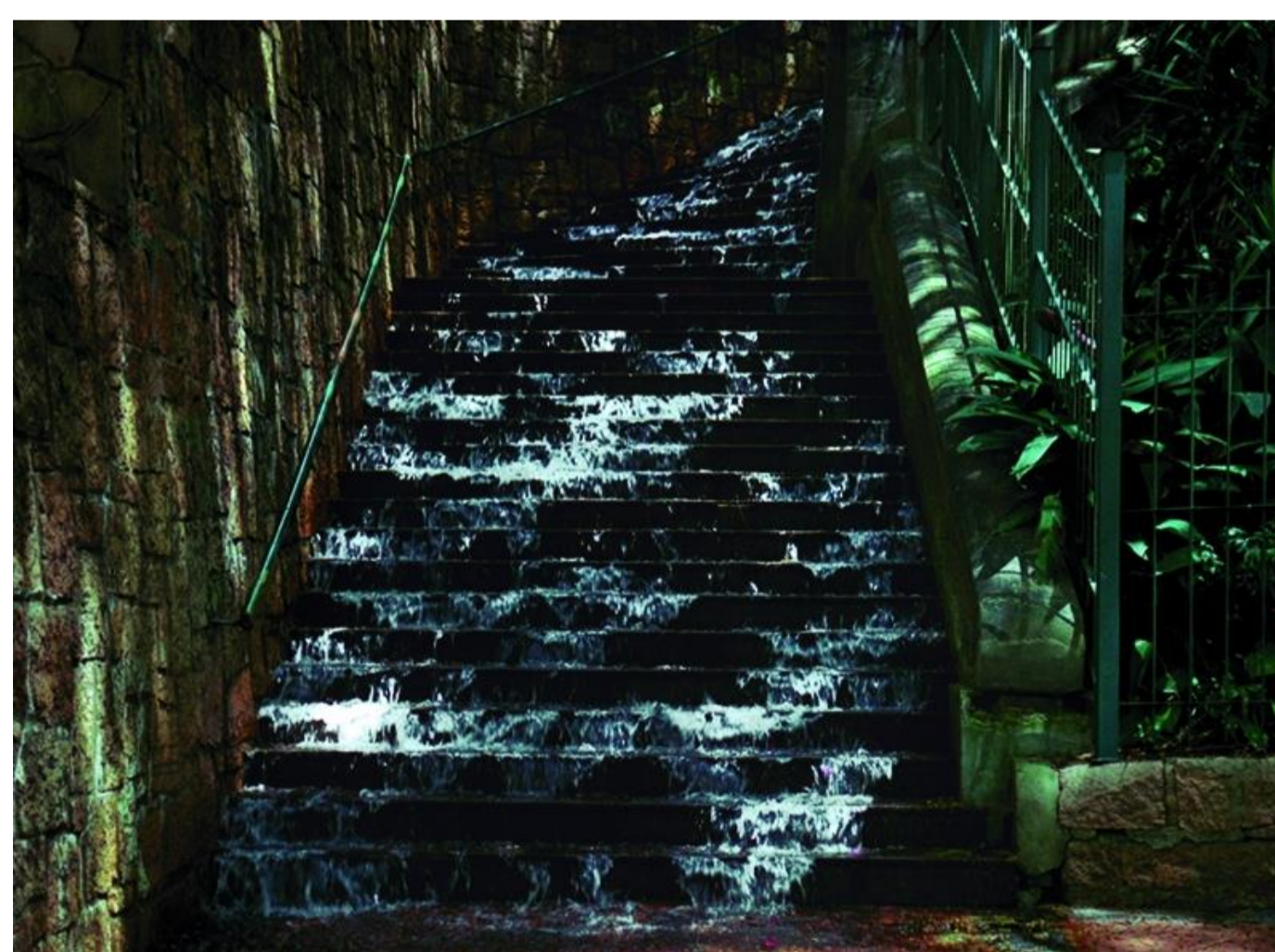
A pesquisa sugere relações entre a poética da artista oitocentista e de artistas contemporâneos, como **Ana Flávia Baldisserotto**, **Hélio Ferverza** (1963), **Jorge Menna Barreto** (1970), **Leonardo Remor** (1987), **Mariana Silva da Silva** (1978) e **Rodrigo Braga** (1976), que, em diferentes tempos, linguagens, meios e suportes, suscitam uma preocupação semelhante – um ângulo político, com caráter de crítica ambiental –, que se apresenta, aqui, como algo que sobrevive, podendo ser atualizada e permanecendo potente.

## Considerações parciais:

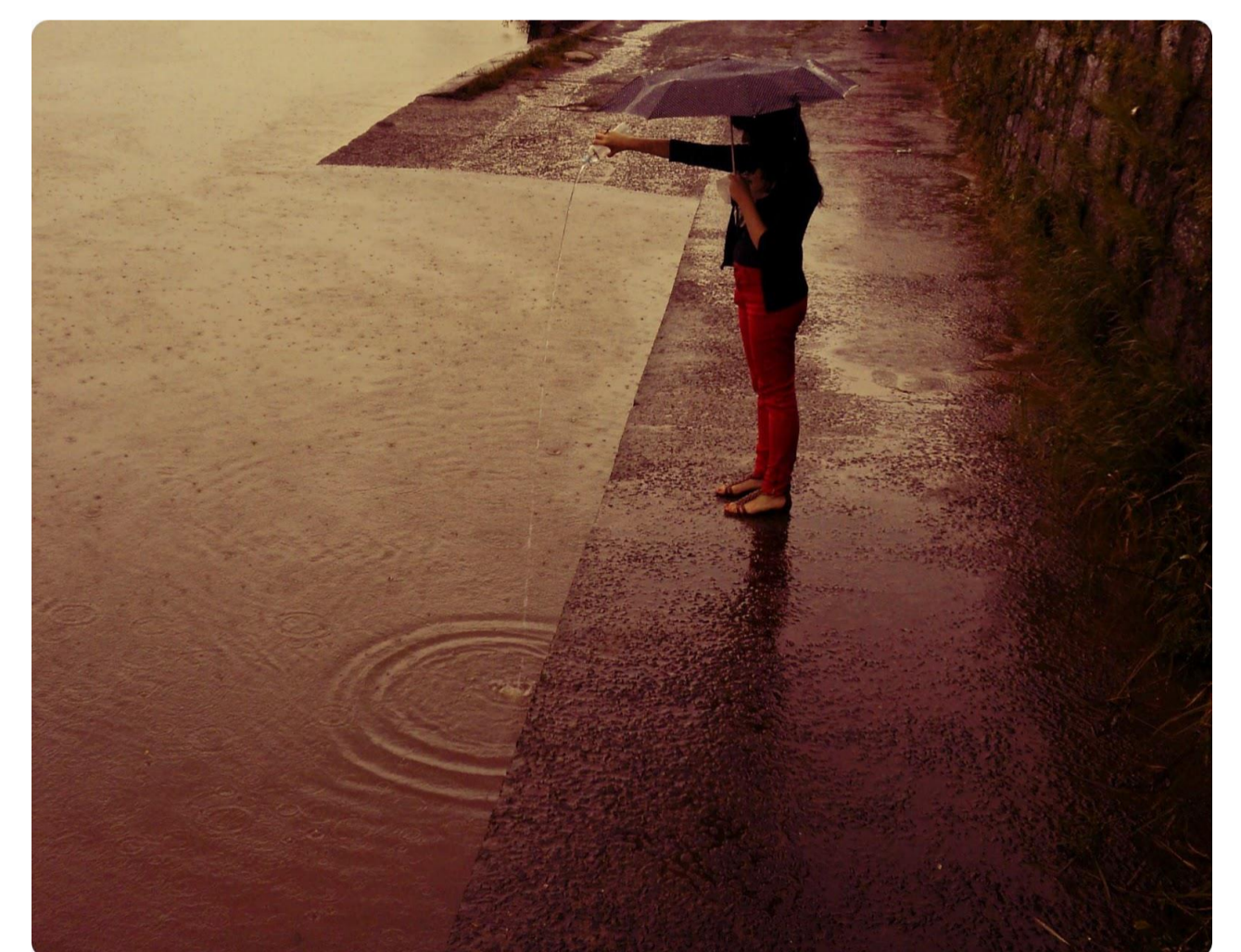
A discussão e a metodologia propostas atravessam as indagações em relação às narrativas em História da Arte, relativizando os estudos lineares e cronológicos. Comparando a obra de Graham com as dos artistas contemporâneos, surge a possibilidade de ampliar o conceito de “artista viajante”, tomando outras formas de deslocamento como parte dessa ampliação, o que acaba redimensionando a historiografia da arte sobre esse tema.

## Perspectivas:

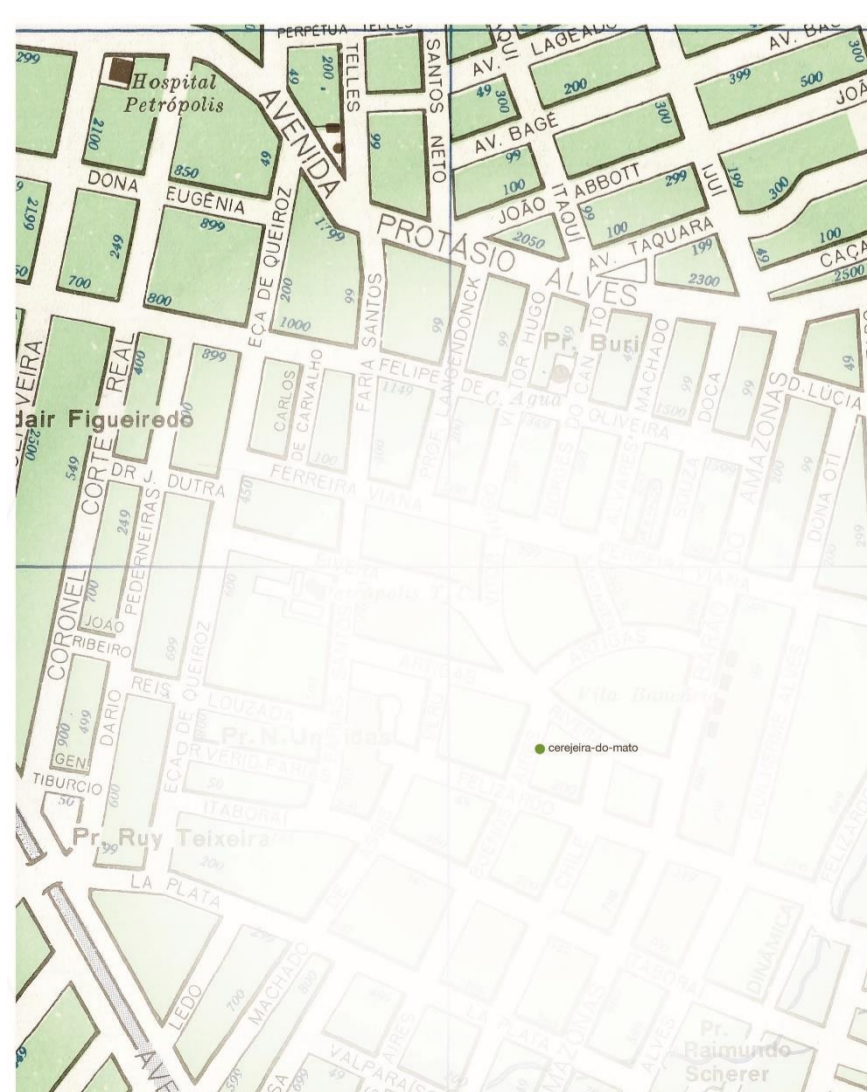
Entrevistas com os artistas contemporâneos; curadoria de uma exposição relacionada à pesquisa; organização de um banco de imagens para realização de um catálogo virtual; publicação dos resultados parciais e finais da pesquisa.



Leonardo Remor (1987) | *Cinema é Cachoeira*, 2015 | Filme 35mm, 13'40" | Coleção do artista, Porto Alegre, Brasil



Mariana Silva da Silva (1978) | *Eu encontro o Guaíba no Caí*, 2014 | Fotografia, 50 x 70 cm | Coleção da artista, Porto Alegre, Brasil



Hélio Ferverza (1963) | *rua quintal*, 2005-2016 | Impressão com pigmento mineral sobre papel de algodão, 75 x 60 cm | Coleção do artista, Porto Alegre, Brasil



Rodrigo Braga (1976) | *Segredo*, 2008 | Fotografia, 90 x 60 cm | Coleção do artista, Rio de Janeiro, Brasil

## Referências

DIDI-HUBERMAN, Georges. O anacronismo fabrica a história. sobre a inatualidade de Carl Einstein. In: ZIELINSKY, Mônica. *Fronteiras. Arte, Crítica e outros ensaios*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

MATTOS, Cláudia Valladão. *Política da paisagem: arte e crítica ambiental no Brasil do século XIX*. In: *Anais do Colóquio CBHA*, 2012.